

Agostinho e Lógica

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Visto que os filósofos contemporâneos se submeterão à alguma indignidade antes do que se tornarem dogmatistas, a discussão dessa possibilidade assustadora pode ser postergada para o fim. O Racionalismo, embora longe de ser popular desde a morte do Absolutismo de Hegel, no começo desse século, ainda fornece um grande e útil estímulo. Ninguém que deseja entender o curso do pensamento, a história das idéias, e as origens das presentes atitudes pode possivelmente ignorá-lo; e um dos seus maiores expoentes foi Agostinho.

Agostinho

Agostinho não era um racionalista puro, como o termo tem sido definido aqui, e as combinações de qualquer dois métodos levantam a suspeita de inconsistência ou problemas não resolvidos; todavia, até mesmo inconsistências podem ser instrutivas. No mínimo, uma pessoa entenderá melhor o problema que forçou tal grande mente a aceitar conscientemente, ou a cair inconscientemente em, posições suspeitas.

O problema, o problema imediato para Agostinho, não era a verdade de alguma doutrina teológica particular. Sendo um cristão, certamente, ele queria defender e propagar as doutrinas da Trindade, da expiação, e assim por diante. Tais doutrinas como essas fazem de sua obra uma filosofia da religião, antes do que uma filosofia secular. Mas se alguém pode saber que a doutrina da Trindade é verdadeira, uma pessoa pode conhecer algo; se, contudo, uma pessoa não pode conhecer nada, então ninguém pode conhecer a Trindade; portanto, Agostinho teve que começar mostrando que o conhecimento é possível.

Nos séculos imediatamente precedentes, o primeiro século antes de Cristo e os três primeiros séculos da nossa era, a filosofia grega era fortemente cética. Para ser exato, Platão, no século quatro antes de Cristo, tinha encontrado os sofistas céticos do final do século cinco e tinha derrotado os mesmos. Mas após ele e seu ilustre pupilo Aristóteles ter fundado as suas escolas e passado as mesmas aos seus sucessores, Pyrrho, aproximadamente em 300 a.C., iniciou uma escola de ceticismo que cresceu em poder e influência por pelo menos quatrocentos anos. Até mesmo a Academia de Platão se tornou cética; os estoicos sobreviveram, mas declinaram em influência após 200 a.C. O neoplatonista Plotino, que morreu em 270 d.C., atacou severamente tanto o estoicismo como o ceticismo; mas mesmo em 400 d.C., Agostinho, que tinha passado pessoalmente por um estágio cético e então se tornado um neoplatonista antes de ser convertido ao Cristianismo, pensou ainda ser necessário combater os céticos.

Quer seja ou não necessário mostrar histórica e pessoalmente, é, contudo, logicamente necessário mostrar que (e como) o conhecimento é possível antes de concluir que uma doutrina religiosa particular (ou, quanto a isso, uma lei particular de física) pode ser conhecida como verdadeira.

Os céticos tinham colecionado um arsenal de argumentos contra a possibilidade de conhecer algo. Esses argumentos têm sido repetidos continuamente. Descartes realmente foi o melhor dos céticos. Ele se referiu a um demônio onipotente que constantemente nos engana. Para muitas pessoas isso soa como uma suposição ridícula, a qual elas tendem ignorar. Se no começo não sabemos definitivamente nada, se nem mesmo sabemos que algo pode ser conhecido, segue-se que não sabemos se um demônio é ridículo ou não. Uma proposição pode ser julgada ridícula somente se ela contradisser alguma verdade excepcionalmente bem estabelecida. Agora, os racionalistas têm sempre enfrentado essa dificuldade com honestidade. O mesmo não pode ser dito dos empiristas.

Outras objeções à possibilidade do conhecimento não são tão radicais; todavia, elas devem ser enfrentadas. De fato, visto que outras objeções não parecem tão absurdas, elas devem ser ainda mais enfrentadas.

Aqui estão alguns exemplos. Como e o que vemos depende da nossa visão. Mas alguns homens têm uma visão “melhor” do que outros: alguns homens são daltônicos – em vários graus, e outros parecem ver tantas cores, artistas *da vanguarda*, por exemplo, que o restante de nós acusa-os de ter alucinações. Além do mais, os olhos de vários animais diferem dos olhos dos homens. Assim, em quais sensações devemos confiar? Esse argumento cético foi proposto pelos antigos. Os cientistas modernos o vestem com uma linguagem mais profissional. A luz irradia quando bate num objeto e são refletidas aos nossos olhos com alterações nas extensões de suas ondas. Sob circunstâncias variadas a quantidade de mudança varia. Como, então, podemos saber qual extensão de onda nos dá uma impressão correta do objeto visível?

Por ora, esses argumentos céticos contra a experiência sensorial são suficientes. O ponto a ser enfatizado é a necessidade de mostrar que o conhecimento é possível. Um cristão espera defender a Trindade, os Dez Mandamentos, e algumas declarações históricas. Mas onde ele pode começar? Há algo tão seguro e certo que as distorções do sentido e nem mesmo o demônio de Descartes podem distorcê-lo? Qual verdade existe, que seja absolutamente básica? Há alguma proposição auto-autenticadora? Agostinho disse: Sim!

Já foi explicada qual era a primeira verdade de Descartes: eu devo pensar, até mesmo para ser enganado. Agostinho não colocou isso dessa forma; mas embora Descartes tenha ostentado orgulhosamente que ele lançou os fundamentos da filosofia sobre uma base completamente nova e original, a forte influência de Agostinho reside nas suas páginas para todo mundo ver.

De fato, Agostinho é mais claro e mais explícito do que Descartes. A primeira verdade de Descartes não é realmente “eu penso”, como ele disse. Na verdade, sua primeira verdade são as leis da lógica. “Eu penso” deve ser verdade porque uma pessoa que nega isso exemplifica essa verdade em sua negação, e assim, contradiz a si mesma. “Eu penso” depende das leis da lógica.

Agostinho começa explicitamente pela lógica. Ele assevera que você pode não saber se está acordado ou dormindo; mas você não pode deixar de saber se está fazendo uma coisa *ou* a outra. Isso é o mesmo que dizer que o princípio da

disjunção completa não pode ser duvidado. A lei da implicação também é indubitável. Se há somente quatro elementos (terra, ar, fogo e água), não pode existir cinco. E ele poderia ter dito: Todos os homens são mortais; Sócrates é um homem; portanto, Sócrates é mortal.

Aqui está a posição mais forte do Racionalismo. Nem o Dogmatismo, nem o Empirismo, pode atacá-lo, embora como o Empirismo pode chegar à lógica pela sensação é algo que será discutido mais tarde. Considere: suponha que um estudante, jogador profissional de futebol, tome um curso em lógica; quando o instrutor repetir o antigo silogismo, o estudante, cujo QI não é metade do seu peso, replica: ‘Eu concordo que Sócrates é um homem e que todos os homens são mortais, mas, por favor, me explique o que no mundo tem a ver com Sócrates ser mortal!’

Desafortunadamente, o instrutor não pode explicar; ele não pode apelar à algo mais básico do que as leis da lógica. Mas isso é desafortunado? Certamente não para o Racionalismo. Não há nada mais básico sobre os quais os axiomas da lógica dependem. Toda explicação deve usá-las. Se um instrutor explica um princípio de economia, ou de química, ou de qualquer outra coisa, ele diz “Porque”: isso e aquilo é verdade *porque* – e então o instrutor dá uma razão pela qual a coisa a ser explicada pode ser deduzida ou inferida. Portanto, a lógica não pode ser “explicada” ou “provada” ou deduzida de algo mais, pois ela é básica, absolutamente e sem exceção.

Agostinho vai mais adiante e cita exemplos a partir da matemática: dois mais dois, não somente são quatro, mas *devem* ser quatro. Isso não é um dado acidental ou empírico. É uma necessidade lógica.

Alguns matemáticos modernos menosprezam esse exemplo. Eles argumentam que a matemática é formal; e se *dois* e *quatro* são definidos na forma usual, é meramente tautologia disfarçada dizer que *dois* e *dois* devem ser quatro. Contudo, mesmo que a teoria formal da matemática seja aceita, essa objeção não invalida a validade da lógica envolvida. Tautologias, também, precisam obedecer as leis da lógica.

Descartes não foi completamente original, nem mesmo em seu “eu penso”. Agostinho já tinha insistido que é certamente verdade que eu existo. O cético deve existir para duvidar da sua própria existência. Agostinho lhe perguntaria: Você sabe que existe? E qual pode ser a resposta do cético?

Agostinho prossegue ainda mais. Ele sustentou que as normas da moralidade também eram conhecidas e certas. Os próprios céticos não reivindicam ser filósofos, isto é, amantes da sabedoria? Todo mundo deseja ser feliz e os filósofos mostram, por suas ações, que a felicidade reside na verdade. O *cético*, etimologicamente, é um buscador da verdade. Portanto, uma negação da possibilidade da verdade contradiz a fonte de todas as ações humanas.

Esse aspecto moral é um que Agostinho enfatizou. O cético come seu jantar como se ele soubesse que havia um jantar para ser comido, e também como se fosse bom para ele fazê-lo. Ele evita bater em sua cabeça com um martelo, como se isso fosse ruim para ele. Quando questionado, o cético replica: Eu não sei

essas coisas, mas elas são mais prováveis do que outras coisas. Então, Agostinho aponta: Uma proposição pode ser provável e conhecida como sendo provável, somente se ela lembrar ou se aproximar da verdade. Uma pessoa que não conhece o que é verdade não pode saber o que se aproxima dela. Uma teoria da probabilidade deve ela mesma ser baseada sobre a verdade. Portanto, o cético é refutado pela qualidade moral de suas próprias ações.

Se agora um estudante moderno pensa que os princípios da moralidade não são tão certos como os princípios da lógica, e que, portanto, é duvidoso se devo ou não buscar minha própria felicidade e comer o jantar, pelo menos as leis da lógica são indubitáveis. Em todo caso, normas, lógica ou moral, ou até mesmo estéticas, se é que existe tal coisa, são verdades necessárias e universais. Elas são verdades não somente aqui e agora, mas em todo lugar e em todos os tempos. Eles não são verdades somente para mim, mas para todo mundo. Todavia, eu sou um ser limitado e finito, com uma experiência circunscrita. Eu nunca serei capaz de perguntar a Sócrates ou, para ir mais longe, a Abraão, se ele usava os princípios lógicos que eu uso. Poderia ser que a lógica não era algo lógico antes de Aristóteles enumerar todos os silogismos possíveis?

Parece, portanto, que finito como eu sou, tenho em minha mente algo que é eterno. A lógica nunca começou e nunca terminará. Da mesma forma a Matemática e a moralidade. Tais verdades eternas e imutáveis não podem ser abstraídas de alguma matriz mutável. Elas não são os produtos da razão subjetiva de algum indivíduo humano. Deve haver, portanto, uma razão eterna e imutável na qual essas verdades têm sua origem. Ou as próprias verdades são Deus ou Deus é a verdade; ou se há algo superior à verdade, então esse ser mais alto é Deus. Em todo caso é provado que Deus existe.

Seria interessante seguir mais um pouco a filosofia de Agostinho. Afinal de contas, somente Tomás de Aquino pode desafiar o status de Agostinho como o maior e mais brilhante de todos os filósofos cristãos. O estudante deveria, portanto, aprender como Agostinho relaciona razão com fé, qual é o papel da sensação, se é possível conhecer corpos, como uma pessoa pode comunicar-se com outra, e quem pode ensinar quem e o que? Parenteticamente, uma pessoa pode notar que Agostinho discutiu extensivamente os problemas que se levantavam a partir das invasões bárbaras e o saque de Roma em 410 d.C. E, certamente, há o que deve ser considerado o mais importante de tudo – a teologia. Mas embora a maioria disso deva ser omitida aqui, a existência de Deus é um dos grandes temas na filosofia da religião, e sobre esse assunto uma ou duas coisas ainda restam ser ditas.

[...]

Fonte: *Three Types of Religious Philosophy*, Gordon Clark, Trinity Foundation, páginas 31-34 (capítulo sobre 'Racionalismo').